

REPORTANDO A HISTÓRIA: 21 ANOS DA FOTEC

REPORTING THE HISTORY: FOTEC'S 21 YEARS

Marcelo Bolshaw Gomes¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Thalita Oliveira Gonçalves²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Foto: Thalita Oliveira

Em um cenário onde a teoria muitas vezes precede a prática, a Agência FOTEC de Jornalismo Experimental, idealizada pelo professor Itamar de Moraes Nobre, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), surge como um farol de aprendizado ativo e engajamento comunitário. Com uma trajetória que se estende por duas décadas, a FOTEC tem sido fundamental na formação de inúmeros estudantes de Comunicação Social, oferecendo-lhes a oportunidade de vivenciar o jornalismo em suas diversas plataformas, desde os primeiros períodos da graduação.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN e professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN

² Doutoranda em Estudos de Mídia - UFRN/PPGEM. Mestre em Design – UFCG. Bacharelado em Comunicação Social/Educomunicação - UFCG. Associada ABPEducom (Associação Brasileira de pesquisadores e profissionais em Educomunicação). Licenciatura em Letras - UEPB.



Para além dos muros da Universidade, a FOTEC destaca-se por sua forte conexão com a comunidade, especialmente através de parcerias com escolas públicas. Desde a sua fundação em 2005, tem buscado integrar o ensino, a pesquisa e a extensão, levando a experiência universitária para dentro das escolas e abrindo portas para o aprendizado prático e o desenvolvimento da cidadania.

Nesta entrevista, exploramos a importância dessa relação entre a universidade e as escolas para a Agência FOTEC, bem como buscando compreender a trajetória da Agência Escola e sua perspectiva para o futuro.

Revista: Como surgiu a ideia de criar a Agência FOTEC? Qual era o objetivo principal ao fundar o projeto?

Quando eu entrei aqui como professor substituto, em 2024, eu encontrei um cenário muito favorável para criar a FOTEC. Era a existência de dois projetos do professor Adriano Gomes, chamado REC - Rádio Experimental em Comunicação, e TEC - TV Experimental em Comunicação. E eu pensei: por que não criar a FOTEC? Seria Fotografia Experimental em Comunicação, um nome que permanece até hoje.

O objetivo era documental. Era fotografar, era fotojornalismo documental, não de imprensa, e a gente fazia documentações, especialmente da CIENTEC. Primeiramente, a gente foi fazer a documentação de um evento que teve lá em Santa Cruz. As primeiras experiências foram fora da Universidade. Um foi em Santa Cruz, em um evento chamado Ode ao Mestre Antônio da ladeira, que era um mestre de boi de reis, e eu já tinha uma relação de parceria com o Grupo de Teatro Arte Viva de Santa Cruz, e eles começaram a fazer homenagens ao Mestre Antônio da ladeira, e eu levei alguns alunos para lá.

Eu não me lembro se foi antes ou depois desse outro evento que eu vou dizer, que era a Semana Ecológica de Diogo Lopes, lá na Ponta do Tubarão, que foi uma Unidade de Conservação que eu ajudei a criar quando eu era estudante de mestrado e doutorado. E aí nós fomos fazer a cobertura dessa Semana Ecológica. Eu era professor substituto, e levei vários alunos para lá. Então, os primeiros momentos da FOTEC foram fora da



universidade, lá em Diogo Lopes, que é uma comunidade de Macau, no litoral norte, que é 200 quilômetros mais ou menos daqui, e lá em Santa Cruz.

Revista: O que levou à evolução para uma agência de produção de conteúdo multimídias e multiplataformas?

Chegou um momento, depois de a FOTEC criada, que a gente percebe o que fazer com isso? E por que ser tão limitado? E eu tinha um bolsista, hoje é um grande fotógrafo, ele é fotógrafo gastronômico, ele tem uma agência de fotografia gastronômica, e ele falou: a gente pode criar um site! Então a gente criou um site. E ele até ganhou um prêmio na INTERCOM com a apresentação da FOTEC. E aí a gente resolveu sair dessa linha única de produção de fotografias exclusivamente para produzir textos. Foi nesse momento que a gente percebeu que não pode ficar tão limitado, porque já estava começando a ganhar amplidão. E só com o tempo depois é que a gente começou a entrar nas outras diversas linguagens, a gente percebeu que não era só aquilo que a gente poderia fazer, tinha potencial para mais.

Revista: A FOTEC tem um histórico extenso de participação em eventos como a CIENTEC. Qual a importância dessa cobertura para a agência e para o evento?

A importância está na possibilidade de ser uma grande escola! Foi a CIENTEC que possibilitou a gente transformar a agência FOTEC em uma Agência Escola de comunicação. Porque a gente começava a trabalhar 8 da manhã e só saía entre 22 horas e 24 horas. Então a gente formava grupos por turnos, e cada turno, por exemplo, tinha 20 alunos. Tem momento que a FOTEC tinha 150 alunos trabalhando durante a CIENTEC. E eles davam para a gente, que tem uma estrutura muito boa, praticamente um pavilhão todo de estandes com 15 computadores, com Macs, tudo. Era uma redação enorme, com um fluxo de pessoas trabalhando o dia todo. A gente produzia, em cerca de uma semana, 200 matérias da CIENTEC.

Isso se tornou importante para o evento porque divulgou o evento sobre maneira. Quando nós fazíamos nossos relatórios, que foi a partir da CIENTEC que começamos a fazer os relatórios com os alcances, as visitas, os gráficos de visita, de visibilização, a gente percebia que havia um número muito grande de países que mostravam como a CIENTEC era vista no exterior, com as visitações. E depois que a gente apresentava esses relatórios para a ProEx, eles não queriam mais deixar a gente sair da parceria.

Outra coisa para o evento foi a possibilidade de aumentar parcerias. Porque as escolas públicas começaram a visitar muito mais a CIENTEC depois da divulgação da FOTEC. E para o projeto, aí foi que a FOTEC foi importante, o projeto foi importante para o mercado e para os alunos porque ela se tornou vitrine.



Foto: Rízia Raquel/Fotec /
Fonte: [Assessoria de Comunicação - Agência Fotec](#)

Revista: Qual a importância dessa interação entre a Universidade e a Escola pública? Quais os principais resultados observados nesses projetos?

A importância está no fato de a gente ser literal com relação à extensão, e a extensão é o quê? É você ir para a comunidade, você interagir com a comunidade, ensinar e aprender, certo? Você levar essa relação e prestar serviço ou qualquer outra coisa.

Então, a gente trabalhou em diversas escolas, com a Dulce Wanderley, com o Projeto de Meio Ambiente e Fotografia. O resultado foi uma grande exposição na escola, com a presença da Cabugi, que divulgou isso aí, da própria TV Universitária.

A gente trabalhou numa escola na Cidade da Esperança, João Neto Maciel, nós experimentamos em vários níveis, com alunos do Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Lá nós trabalhamos com essa perspectiva, nós trabalhamos com alunos do ensino fundamental, especialmente com a linguagem da fotografia, para o aprendizado, para o conhecimento de mundo, para o conhecimento do espaço social e da identidade por fotografia.

Aí a gente foi para a escola Francisco Varela. Então lá obtivemos o resultado mais satisfatório, porque nós criamos um perfil no Instagram. Foi quando o canal do YouTube começou a funcionar mais, então nós criamos esse perfil e criamos a primeira Agência Escolar, a Agência Mais Guararapes de Comunicação. E foram eles quem criaram o nome, a Mais Guararapes, que tem aí no Instagram, você pode ver as produções lá. E tem também no nosso YouTube, produção feita pelo pessoal. Então, lá foi super importante porque eu percebi que havia um acolhimento da diretora, havia acolhimento dos alunos. E mudamos o pensamento de muitos alunos. Levamos palestras para lá sobre bullying, sobre depressão, sobre comunicação, porque nossa proposta não é só trabalhar com linguagens, é levar também discussões temáticas da sociedade para a gente bater um papo com eles. E por isso estamos planejando agora para a escola em que estamos esse ano. E aí, com isso, a gente foi ampliando mais um ciclo e alcance da FOTEC.





Fonte:<https://maisguarapescomunicacao.wordpress.com/2017/06/07/projeto-mais-guarapes-inicia-atividades-praticas-em-2017/>

Foto: Roberto Amorim

Revista: Como a agência escolhe os temas e comunidades para seus projetos de extensão?

O critério é Escola Pública e periférica, esse é o principal critério. Como foi a Francisco Varella, no Guararapes, a Ivonete Maciel, na Esperança, a Cônego Monte, lá na Pajuçara. E como foi a atual, a Escola Madalena, lá no Pajuçara, Santarém. Então, o critério é ser periférico. A gente entende que a Zona Norte é uma das regiões mais vulneráveis socialmente. É a vulnerabilidade social, é o grande critério, é o convite, o chamado, né?

E as temáticas, atualmente, as pautas são criadas pelos próprios alunos em reuniões de pautas, eles determinam a pauta como um processo metodológico, pesquisa, ação e pesquisa participativa, eles participam do projeto, eles dizem como será e como serão os próximos passos.

Aqui na universidade também, a gente tem um grupo de WhatsApp lá com os alunos de lá e os professores. Então, atualmente, por exemplo, ele tem uma lista de pauta, acho que deve ter uns 15 temas de pauta, que são os próprios alunos que trazem as pautas. Eles trazem as pautas que são pautas sociais, né? E para espaços públicos ou filantrópicos, não aceitamos pautas de empresas privadas. E aí tem a lista, os alunos vão para lá e dizem: eu quero essa pauta aqui, eu vou formar uma equipe para fazer essa pauta, né? Porque a orientação, como tem antigos e novatos, tem aluno do primeiro período escrevendo matéria já. Então mescla novatos com antigos. Vamos produzir, então formamos a equipe, a equipe de texto, a equipe de vídeo, né? Então, tudo é democratizado. Não sou eu quem determina, são eles que dizem e como querem fazer. Inclusive a experimentação, a linguagem. Olha! Escreva, escrevam. Experimentando linguagens.



Revista: O objetivo de estimular a produção participativa de produtos comunicacionais, como no "Projeto Vir-A-Vila Comunicadoras", é central para a FOTEC? Como vocês incentivam essa participação?

O estímulo é central. Como eu disse, o democratizo. Eu seria incapaz de deixar a FOTEC sozinho como ela é hoje. Então, tudo na FOTEC foi criado através de sugestões de relatórios que os alunos fazem. O “vir à vila” foi um fenômeno que aconteceu, um acontecimento que tivemos que está se repetindo hoje. Foi um bolsista chamado Alessandro, foi uma ideia dele, não foi minha. Ele trouxe para mim, eu assinei e ele executou o projeto na escola. E daí ele escreveu a monografia, que é um relato de experiência do projeto.

Hoje, depois disso aí que foi passando, não surgiram outras pessoas que estimularam essa discussão, e aí a FOTEC passou a ter duas frentes, que é a Universidade e a Escola. Mas no semestre passado apareceu outra aluna que está na FOTEC, que falou: professor, IFRN quer a FOTEC lá! - Da Ribeira. - De que forma? – quer que a gente vá dar a formação lá para eles. Aí eu criei uma outra frente de trabalho, no projeto atual, que é a inserção da FOTEC de maneira eventual em espaços públicos, a partir de convites. Então, isso não será fixo. Será assim: a gente vai ter esses dois espaços fixos, que são aqui e na Escola Madalena. Mas se qualquer escola quiser que a gente vá para lá da formação, a gente vai, ver o que está acontecendo com o IFRN. Então essa menina disse: - você encabeça esse projeto comigo? Eu disse: encabeço. Vamos sentar com ela para elaborar um miniprojeto. Já mandei para ela o resumo. Então, ela e outra menina também, que é muito esperta do primeiro período, vão aplicar esse projeto. Logicamente, eu vou. Eu não vou deixar sozinhas, né? Eu vou dar iniciação lá, especialmente porque tem uma ex-aluna minha, orientanda minha, foi bolsista da FOTEC, é professora lá do IEF e está lá ensinando no curso de Mídia Digital e Produção Cultural. E eu vou para lá para trabalhar com o pessoal de mídia digital, com essas meninas, para ver se eu consigo formar uma agência lá. Agência de mídia digital, entendeu? Levar o Know-how daqui para ver se eu consigo formar essa agência lá. Então, é central esse estímulo, certo? E essa iniciativa da meninada ter essas ideias e assumir esse caminho.



Revista: A FOTEC tem se dedicado a temas como direito-cidadania e emancipação social. Como a comunicação pode ser uma ferramenta para alcançar esses objetivos?

Com a inserção do Professor Boaventura de Sousa Santos na minha vida, desde 95, a gente criou um grupo de estudos chamado Observatório Boaventura de Estudos Sociais, que já se acabou. A partir dele a gente se inseriu no discurso sobre a cidadania e a emancipação social, a partir da obra dele. Com essa discussão, eu comecei a perceber que isso está nos projetos, que a comunicação pode ser esse viés, esse gatilho para a cidadania e a emancipação social. Como? Quando a gente tenta formar, que é uma das propostas que eu tenho, até eu escrevi um artigo sobre isso com ex-alunos para publicar, que é a formação do Ativista Midiático Escolar. Numa perspectiva de esse aluno ter competências técnicas e críticas de criar discursos sobre si mesmo, e não esperar ou não ficar vendo somente a mídia convencional produzir discursos sobre si, sobre sua comunidade, sobre sua escola. Então, estamos oferecendo essa oportunidade.

Uma das grandes representações dessa busca pela emancipação, que para mim é permanente, é Mirella, ela foi do nosso projeto lá na Escola Maria Madalena, em 2023. Em 2024, ela fez a seleção para o IFRN para estudar Mídia Digital por causa do projeto. E a ideia dela é fazer jornalismo, cursar jornalismo. Então, é uma garota negra, periférica, de família pobre, que está se inserindo na comunicação por causa do projeto e uma promessa que eu fiz a ela, que eu espero cumprir e ter vida para isso é que se ela entrasse aqui em jornalismo no primeiro semestre, ela seria minha bolsista e faria parte do projeto. Ela está super empolgada e eu também torcendo por isso.

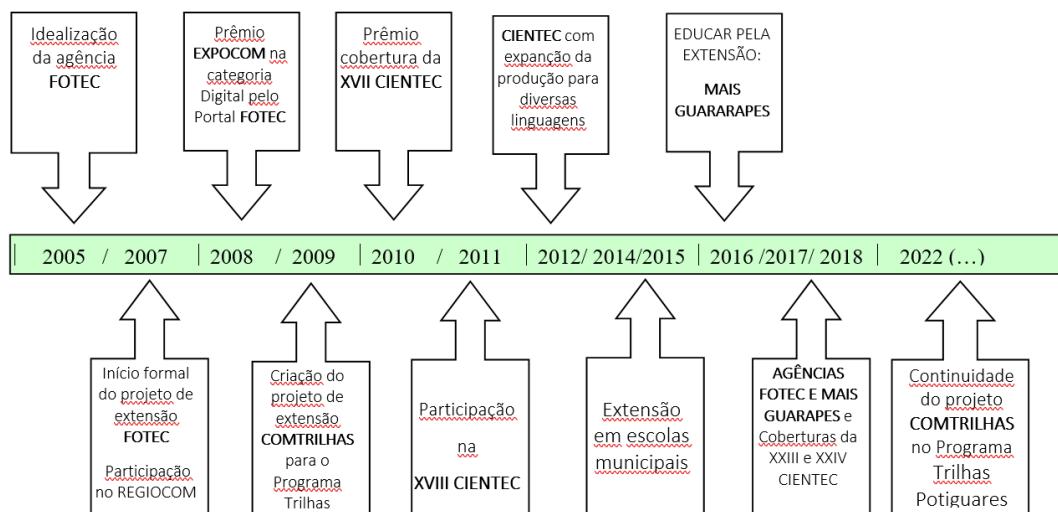
Revista: Poderia falar sobre o projeto de Comunicação Experimental Multimídia no programa Trilhas Potiguares? Qual o papel da FOTEC nesse programa?

No Trilhas Potiguares, o papel da FOTEC é ser referência. O Trilhas Potiguares é uma FOTEC modificada porque tudo o que a gente faz na FOTEC a gente faz lá no

programa Trilhas Potiguares. Só que na FOTEC a gente faz o ano todo, no Trilhas Potiguares a gente só faz uma semana.

Então, quando o programa Trilhas Potiguares, do qual eu participo desde o primeiro ano, desde 1996 que eu faço parte desse programa ainda como aluno, eu fui do primeiro ano, até hoje eu continuo. E quando eu criei a FOTEC, ainda substituto, eu pensei no ComTrilhas, porque lá na Extensão Trilhas Potiguares, os alunos de comunicação não queriam participar. Basicamente, era eu sozinho do curso todo que participava. Aí depois eu comecei a levar alunos para lá e eu, como era documentarista, toda a cobertura e registro do Trilhas Potiguares que fazia era eu. E poucos faziam do jeito que eu fazia, porque eu era fotógrafo, né? E aí eu pensei: poxa, eu faço isso sozinho! Depois que eu entrei, eu não vou mais ter condições de fazer isso. Eu agora sou professor, eu vou criar um projeto com base na FOTEC, que vai ter as mesmas características da FOTEC, só que dentro do programa, exclusivamente para o programa. E foi quando em 2009 eu criei o Com trilhas e, de lá para cá, a gente existe, são 16 anos. E hoje o importante disso é que o ComTrilhas é praticamente o grande braço do Trilhas Potiguares da Proex. Não existe programa Trilhas Potiguares sem Comtrilhas. Esse ano serão 18 municípios, irão 36 alunos de comunicação, dois para cada município e ficarão aqui cerca de 50 alunos, então terei esse ano em torno de 80 alunos no projeto Trilhas Trabalhando.

Figura 1: Linha do tempo dos projetos desenvolvidos pela FOTEC:



Fonte: Desenvolvimento próprio



Revista: De que forma a FOTEC contribui para a formação dos alunos do Curso de Comunicação Social da UFRN?

Nós não temos critérios para inserir o aluno na FOTEC. Para mim, o grande critério é boa vontade. Então, quando eles estão lá, eles não imaginam que vão entrar na universidade, já vão fazer entrevistas no primeiro período e já vão escrever matérias, já vão editar, já vão produzir vídeos. Não imaginam. Aí nossos alunos antigos, que são bolsistas, entram nesse processo.

Primeiro, como é que ele contribui na formação? Os alunos bolsistas começam a ser professores, começam a dar oficinas, começam a ser orientadores. Orientar essa meninada a produzir. E essa meninada vai produzir. E começa a formar um profissional interessado e começam a experimentar. Eles tomam gosto pelo curso porque começam a praticar no primeiro período, desde o primeiro período, porque o curso não fica enfadonho para eles. Tecnicamente, eles começam a fazer tudo isso. Eles ganham confiança, ganham segurança.

Então, isso é a contribuição e a formação de lideranças. A formação técnica oferece segurança, oferece crença em si, autoconfiança. O projeto oferece tudo isso.

Revista: Quais foram os maiores desafios enfrentados ao longo da trajetória da FOTEC?

Primeiro, conseguir esse espaço aqui foi muito difícil. Eu sempre pensei num espaço em que a gente pudesse chamar de redação, mas essa aqui é a nossa redação e conseguimos, ao longo dos anos, esse espaço aqui. Então, a estratégia foi eu conversar com outros setores para que conseguissem equipamentos, recorrer ao CCHLA para eles darem computadores.

Então, assim, a dificuldade foi estruturar, e especialmente com oposições. E hoje nós temos mais equipamentos aqui, porque nós conseguimos a custo, com muito esforço.



Temos câmeras fotográficas, temos tripé, temos filmadora. Parte dos equipamentos eu compro, porque eu comprei.

Outra dificuldade, por exemplo, é no que diz respeito à gente ter bolsistas que queiram ficar muito tempo enquanto não aparece, porque você usa a FOTEC como trampolim, que é justo que a ideia do projeto é essa, esse trampolim. Mas tem bolsista que está aqui há seis meses e porque está aqui, consegue um estágio lá fora de novo. Isso é uma dificuldade, mas é uma dificuldade que faz parte do projeto, que é a intenção do projeto é formar e dar asas para essa turma.

Revista: Quais são os planos futuros para a FOTEC? Há novas áreas de atuação ou parcerias em vista?

A gente tem uma parceria atual com um projeto chamado Afro Parceiros, projeto filantrópico, e tem uma parceria grande com a Universidade. A gente vai cobrir um evento deles agora, e é uma perspectiva de a gente conseguir retorno, porque eles disseram assim: olha, nosso projeto é filantrópico e aos nossos parceiros a gente consegue recursos, e eles querem que a gente esteja parceiros daqui para frente. Então, nós estamos montando uma grande equipe de alunos para trabalhar num grande evento que vai ter aqui sobre inovação na universidade. Vão ser quatro dias agora em abril. E eu disse: olha, a gente não recebe dinheiro, a gente recebe equipamentos. Então, essa é uma forma de conseguir equipamento. Ele até deixou uma câmera aqui para a gente usar enquanto precisasse. A ideia é trabalhar com grandes parceiros. Nós não fazemos parcerias com empresas privadas.

Outra coisa é a gente estruturar melhor a FOTEC. Nosso grande passo é ter equipamentos como drone, com mais computadores, com câmera filmadora e fotográfica de melhor qualidade. Essa é a nossa grande busca no futuro.

Tentar parcerias com empresas de jornalismo alternativo e independente, empresas entre aspas, para que a gente possa publicar nossas matérias lá, para que os alunos tenham mais visibilidade.



Tudo que a FOTEC é hoje, respondendo essa sua pergunta, foram sonhos do passado. É cada vez mais ela mudar. Ser uma escola de comunicação, uma Agência Escola, era sonho do passado, ter um site era sonho do passado, e tudo se conseguiu. Então, assim, hoje o sonho que a gente precisa: ter equipamentos de qualidade para produzir cinema, produzir documentários de qualidade, para concorrer em festivais, esse é o sonho. Fotografias de qualidade, esse é o sonho da gente. É concorrer com projetos de produções, para concorrer em festivais ou ficção com documentário. Ser uma escola não só de jornalismo, mas também de outras linguagens, como cinema, para que a gente possa trabalhar.